

# Douta Ignorância

Victor Mota

## Ó-DOR DE CLAMOR

O meu amor  
Perdido no tempo  
Num tempo  
Congelado na minha memória  
Lugar onde não consigo aceder  
Não adianta estar a chatear-me  
Ele nunca virá  
Porque nunca existiu

Procuro num clamor interior  
Num filme sobre Jesus Cristo  
a felicidade, não tanto,  
apenas o sossego psíquico  
nestes tempo em que ninguém  
se fala como dantes

O modeo dos outros  
aceitar tudo sem filtro  
isso é ser-se feliz  
na minha ideia é estar  
adormecido ante o mundo que  
nos desafia e ao qual  
não se dá sentido ou valor

Para aquele que procura sarilhos  
é fácil encontrá-los no mundo de hoje  
Mas para aquele que tem o coração puro  
uma só areia do deserto basta

A vida divide-se entre  
aqueles que deixam rasto  
e os que não deixam rasto  
porque não houve reflexão  
porque eram meninos da rua

Porque quem tem a capacidade  
do tempo  
tem de enfrentar os seus  
aspetos mais desagradáveis  
e a verdade sobre si mesmo

Será que estou ficando louco  
Por não conseguir encontrar a felicidade  
Por isso invento-a e  
acostumo-me a ela

Não somos felizes sem os outros,  
grande verdade  
Mas sem nós mesmos também não  
E andapor aí muita gente  
que salta para o Outro julgando  
que isso é felicidade  
Outros que não a procuram  
têm uma imagem diáfana  
do que é ser-se feliz  
E despeitam qualquer filosofia  
Com medo de perder as rédeas  
e acabando por fazer mais merda

Acredito que depois do véu  
vem consigo outra vida  
E, embora sinto estar tudo contra mim  
Continuo a caminhada  
Ainda que ninguém me visite  
ou pergunte por mim  
Continuo acreditando  
não sei bem em quê  
mas qualquer coisa  
como a mudança

## DOUTA IGNORÂNCIA

A bala jogada pelo olhar  
projeta-se no tempo congelado  
estriado, estilhaçado  
Ainda assim o homem percorre  
com o seu olhar  
as pradarias metafísicas  
do espírito que se queda  
numa certa forma de sobrevivência  
atípica.

E continuo aqui,  
viciado neste vagar  
sorvendo partículas metafísicas  
na metástese do tempo  
ignoto, escondido, perdido  
sem forma alguma de voltar  
atrás e lá permanecer  
Amar o amor congelado  
das memórias do tempos felizes.

A minha solidão tem mais sentido  
do que a dos meus inimigos  
Pois é consequência direta  
da luta  
Não do aproveitamento  
e daquilo que se chama cunha  
Por isso espero,  
sempre espero  
e tudo o que consigo  
é a maior das conquistas  
em relação aos meus inimigos

Vem, c'o amor  
Não é o tempo  
Nem o momento  
Eu que eu me dou  
E tu te dás

Como se consegue, então  
chegar à Douta Ignorância  
Quando aqueles que estão convencidos  
de que sabem  
enganam os que nada sabem ou  
nada querem saber  
quando a Verdade está com eles  
que nada sabem

## VOCATUS INTERRUPTOS

Quando vislumbras o Belo  
da existência  
Logo um pingo de chuva te perturba  
e descansas a cabeça na cama  
vendo o quão frágil  
é tua existência

Sim, podia ser um grande académico  
estar envolto em grandes meios  
Mas vejo mais potência na meditação  
que faço antes de entrar no reino do sonho

Um ou dois dias sem internet  
o sonho paradisíaco do bucólico  
O gato que se senta numa cesta  
junto aos pássaros  
Um amigo que vai contigo ao café  
comprar tabaco  
As mulheres que te desejam  
e tu enfrornado na filosofia

Don't worry  
be happy  
Quão difícil é, por vezes,  
desatar o nó da magnimidade  
e viver como se não houvesse amanhã  
num eterno presente comprazível!...

Insistir menos  
deixar o tempo passar  
como se não quisesses  
passar com o tempo  
mas o tempo contigo  
passas pelo tempo

Se há qualquer coisa  
exterior a ti  
não lhe dêes importância  
A não ser que seja coisa boa  
que tu possas absorver

E não invistas em alteridades doentias  
amizades que não levam a lugar algum  
nas quais só é explorado e vilipendiado  
Acredita que há pessoas bem básicas  
que te querem mal e dependem da tua opinião  
Pois não a dêes assim tão facilmente

O mundo está cheio  
daqueles que pela frente se dizem amigos  
e que pelas costas conspiram contra ti  
aos mais diversos níveis  
e querem ver-te destruído socialmente  
Por isso segue o teu caminho  
Os amigos aparecem, mais cedo ou mais tarde  
e a solidão não é mais do que física  
Não é assim tão mal estar só  
Aproveita para reflectires  
e sentires com quintessência  
o teu lugar no mundo  
usando o teu sexto sentido

O mundo do tímido é maior  
que o mundo,  
maior do que ele mesmo  
no mundo  
Porque o do outro é o mundo  
um mundo que é do Outro

Será mais fácil a arte por amor?  
Ou o amor pela arte  
no leva a outros domínios  
que não os do afeto?

De resto, é o tipo que dorme sózinho  
que vai levar a bicicleta  
Em tudo isto,  
será a Teologia preguiça mental?  
E a religião um entretém metafísico?  
Nenhum juízo de valor sobre estas asserções  
Aliás, a antropologia é um determinismo  
A Filosofia qualquer coisa de irresponsabilidade  
Porque não é científica  
e pouco se importa com os homens

O pai enervou-se  
enquanto jogo à bola com a pequena  
a mãe parece calma e conformada  
Que quer ele, nunca saberei realmente  
Mas pensando bem até sei  
Está chateado pelo meu desvio  
e inanimismo  
Também eu estou chateado  
Até aos 60 ainda podia trabalhar  
O ficarei para sempre escrevendo  
Não sei bem  
Depois, tomo a música dos Pink Floyd  
Como um exercício metafísico  
que ajuda a dormir

Com um copo de vinho branco na mão  
Vejo uma série antiga no canal Memória  
Apetecia-me ficar ali até à eternidade  
num cenário, em que o ser português  
se vê a si mesmo e se compraz com isso  
a mãe levanta-se esbaforida, abre a porta  
e manda-me embora, que o pai se quer deitar,  
o fascista, como muitos,  
oxalá não dê para o mesmo  
que seria coisa feia de aturar  
farto de Riachos  
sonho com um outro lugar  
que um dia será Lisboa.  
São isto traços da emoção  
de quem se encontra desmotivado  
que tem de criar a vida  
que não lhe aparece facilmente  
E lembro George Floyd  
Fumo, fumo  
e deixo de fumar  
e ainda vejo o mundo  
na ponta do meu cigarro

Um entendimento acerca da rosa  
da rosácea  
nunca da potência  
de nada ter acontecido

Estoun perdido  
ainda assim julgo que não estou  
acima dos adversários  
quando estou, noutra esfera  
projetado para um número ímpar

Poesia pela manhã,  
como se já tivesse acabado a jornada  
e tivesses já tu recolhido os seus despojos  
Concentras a tua mente no concreto inconveniente  
E lá mais para a frente no vago do corpo  
Instilado no tempo e marcado por um  
Acidente original  
Largas, experimentas uma leve liberdade  
E depois voltas ao mesmo,  
tentando distrair-te  
estendendo o corpo no vento  
e na luz líquida que perfaz  
um corpo funcionário da tua felicidade  
sem esforço, sem arrojo nem dor  
apenas a partir da rotina  
e lá voltas outra vez,  
como se não fizesses caso disso  
entre a voz das pessoas e dos pássaros  
e a de uma motorizada cujo barulho  
ecoa pela calçada.

Não tenho café  
Fumo um cigarro depois da odisseia do vestir  
No entrecruzamento dos sentidos  
E das palavras domésticas  
Projeto mais uma vez sair  
Até à Praça da Figueira  
O tempo atraiçoa-me  
Por tanta paciência que tenha  
Nenhuma sobra  
Para o mim em mim mesmo

Os hábitos  
O riso de uma bruxa que faz croché  
O meu riso em cima desse riso  
O sorriso por rejeitar o sol da manhã  
O cálculo sobre alguma coisa  
Que não importa amais ninguém  
Uma ambulância que passa  
O Pedro Abrunhosa e os amigos que nada dizem  
O pensamento côcavo de uma  
Possibilidade de existir, persistindo  
Ao redor de alguma coisa etérea  
E vagamente romântica

Não há poesia na violência e no obsceno  
Apenas sevícia e sacanice  
A poesia é outra coisa  
Mais muito mais do que mero desejo  
É o transcendente  
E o quarto que alugamos  
Na Casa de Deus  
A espera nos dias  
faz-se com a angústia de não conhecer  
uma alma-gémia  
Que poderiam ser duas

Os meus amigos...  
Onde estão agora?  
O terreno é deserto  
A mãe petulante  
Apoia um ditador  
que sempre fez tudo aos pontapés

Passam-se em solidão  
e passam devagar  
e eu passo-me

Daqui comprovo que  
por mais força interior que tenhas  
se não tens um ambiente social  
que puxe para cima  
ficas dependente da tua tristeza  
intrínseca

O que é feito dos objetos sociais?  
Na aldeia nem sempre têm retorno  
Na cidade também não,  
creio que muito menos  
Dependendo do grau de amizade  
entre as pessoas entre eles

Equacionei o carinho e a ternura  
do ponto de vista filosófico  
acrescentei-lhe a lágrima de uma preta  
e obtive, a partir de dois contextos,  
um certo bem-estar de alma  
apesar de esta não estar em festa

E enfim volto a mim  
mesmo, à bucolidade e boçalidade da vida  
enquanto me entretenho com as ideias do ar  
como o caozito que anda de lado  
cheirando no vento a fêmea

Digamos que sofro na pele pela tese  
e por ter descoberto dois ou três princípios  
do comportamento humano,  
para não falar do seu discurso social.

Às voltas e voltas com uma tese  
que contesta reforçando a crença  
no Cristo e nas pétalas que tenho no caminho  
pra levar para casa e fazer chá  
em vez de ervas em vez das da comandita  
Descubro o gosto do grupo revisado  
em vez da pura espontaneidade  
uma refinada que sabe melhor

Durmo a sesta  
e vou, andando, no comboio,  
de um lado para o outro,  
entre Riachos e Lisboa  
Ainda assim, dizem  
que estás dando pérolas a porcos

Mas continuas,  
confiança nos homens,  
confiança no mundo,  
como dizia o outro.  
Que está preso  
por se fazer a jeito.

No vagar de não fazer nada  
há um acúmulo de tensão que adivinha  
outros tempos outras vontades  
e talvez maior felicidade  
e durante longo tempo

Mas mesmo que assim não seja  
seja o conhecimento dos pássaros  
e de outra mulher  
mesmo que tenha passado o tempo  
para tal conhecimento.

Anda ali  
De um lado para o outro  
Ninguém dá nada por ele  
Contudo é o maior  
Em vários sentidos

Por outro lado,  
querem-me fazer crer  
que eu tenho uma doença mental  
mas a minha doença é falta de afeto

Todos pensam que nunca morrem  
Por isso fazem todo o tipo de disparates  
e compromisso  
Pois eu não estou preocupado com isso  
Porque sei que um dia  
vou embora

Entre nós é impossível uma literatura de  
qualidade  
Porque andam todos em busca de pão  
na turba, gritando  
A carreira de literato é vista  
como um parasitanismo  
Porque o país ainda está  
a desenvolver-se

Ah! Só tenho razões de queixa  
destas gajos  
No entanto, continuo formalmente bem  
e com forças para persistir  
de encontro ao vento e ao tempo

País de poetas malfadados  
de néscios de brandos costumes  
andam nisto há séculos  
e ainda depois das descobertas  
são cada vez mais burros

Não te rales, ele  
que te trata mal,  
acabará por morrer  
E teu sofrimento será transformado  
em justiça  
Mesmo que seja tarde

Mãe que trata mal o filho  
não é mãe  
Irmã que trata mal o irmão  
não é irmã  
Pai que ignora o filho  
ainda que este seja o único garante  
da sua continuidade  
Não é pai  
São todos insensíveis  
que esquecem, ali, um deles  
E quanto mais bem ele lhes faz,  
mas pontapés lhe dão  
Naquela aldeia  
Naquele lugar  
Adormeço pela noite dentro  
Contando com a vitória

Sinto-me descompassado dos colegas  
esquecido por eles  
Podia recorrer a um organismo internacional  
mas não o faço  
Só porque não sou bufo  
Ainda assim, vou sendo maltratado  
e aguentando

Maltratado por um país  
onde não nascia  
Masoquistas e burros  
Maliciosos  
Pois fizeram mal a um antropólogo  
isso é mais grave do que o mal  
que se faz a um malfeitor ou criminoso  
pior que à justiça

O mal que se faz ao Outro  
revela baixa auto-estima  
essencialmente doentio  
quando é reiterado

A noite é silente  
Na aldeia ninguém fala com ninguém  
Portanto o vírus já passou  
Isso só revela a estupidez das pessoas  
Que não sabem pegar num livro  
Ou escrever uma linha além do seu nome  
Mas em Moscat é a mesma coisa  
Vale mais o sem-abrigo que lê  
o jornal, em frente à Associação

Ele quer que eu pegue nisto  
mas não vai ter sorte  
como muitos dos seus amigos  
Foi demais para mim  
muito maltrato  
Nem Lisboa me merece, de resto,  
grande consideração

Nestas alturas os amigos são ausente  
e se não persistimos  
somos levados pela enxurrada do tempo  
Não estás assim tão mal  
mas também não estás assim tão bem  
Pedes dinheiro emprestados aos teus para viver  
teu pai não te fala  
tua mãe ralha-te e censura-te  
Não queres ir para a cama  
porque dormiste a sesta  
Olhas para o ar e nada vislumbras  
Porque é noite na tua alma

Talvez não seja antropólogo  
talvez seja qualquer coisa mais  
algo que não se define ou constrange  
com uma profissão  
Sim, talvez seja outra coisa  
De tão sofrida  
que é sempre mais e mais outra coisa mais

Tenho mais saudades do canto da cabeceira  
da cama de Lisboa  
do que dos amplos espaços vazios da aldeia  
em que ninguém nada diz  
Eu prefiro aquele canto  
Onde estou eu mesmo  
em abandono  
Entregue a uma interrogação profunda  
mas minha

Cada vez mais me espanto  
e embora tenha ética para considerar  
não ofender as pessoas  
Vejo que a burrice de muitas elas  
brada aos céus e constrange  
mesmo sendo eu a mesma pessoa

Um povo que descobriu mundos  
não se conhece a ele mesmo  
mais, tem dificuldades em lidar  
com o bicho de si mesmo  
Quando foi com os de antanho  
Será mais ainda com os de agora

Tanta confusão  
e as mulheres deles  
levam na pandeireta  
LOL

É tanta a concupiscência desta gente  
que se alguém se levanta para erguer sua voz  
todos ficam supresos a olhar

Eu digo-te estas pessoas são burras  
ou apenas são infelizes  
O que é o mesmo que dizer  
que são felizes com pouco  
geralmente a isso se chama burrice

De resto, o sexismo está encravado  
na sociedade capitalista que somos  
a sociedade é sexista  
confundem a sexualidade  
quando são cada vez menos as mulheres  
que são machistas,  
mas há algumas,  
como as trumpistas da Europa  
por cá temos de tudo  
e estupidez que baste

O problema duro do Homem  
e do género humano  
É só a relação do Homem com o Homem  
Do trans com a Mulher  
Do periquito com o canário  
Do gato com o cão e com o rato  
É só a relação  
Num Homem quebrantado e doente  
da doença que atravessa os tempos

E eu, mãe, pergunto-te,  
como perguntaria a outra qualquer pessoa:  
"Está a representar para quem? E para quê?"  
"Não chega já de telenovelas"?

Começo a pensar em mudar de aldeia  
O peso dos conceitos não seria o mesmo  
pelo menos no início  
e vejo que na cidade é o mesmo processo  
Mas, depois, ajuízo que  
seria bem a mesma coisa  
E deixo-me estar  
Na mesma cidade  
Na mesma aldeia  
Ainda que também custe  
conhecer toda a gente  
E nem toda a gente falar  
As pessoas são pouco solidárias  
É isso

Na aldeia nunca tinham falado grande coisa  
de mim, a não ser quando fora para o seminário  
aí vais de encontro ao pensar das pessoas  
e vêes quão elementar a maioria é  
e que tu foste assim  
Depois, quando tens opções sexuais  
diversas, chamam-te "porco"  
Aquele que vão à missa são os piores  
Passam tanto tempo sem fazer nada

E nem se dão ao trabalho de pensar  
Ou de preencher o tempo com Filosofia  
É assim o homem rural  
Grande parte dele é burro  
E na cidade também há muitos  
E que nada fazem  
Ao menos eu tenho o cérebro  
preenchido de ideias e  
vou produzindo saber e literatura

Terei saído do sistema social  
por o analisar?  
Estou num ponto de observação privilegiado  
e ainda que não tenha enquadramento institucional  
vou produzindo conhecimento  
Pois o devir é próprio das sociedades,  
das comunidades locais.

Que me vejo  
depois do COVID-19  
são marionetas sem alma  
cumprindo seus destinos  
sem opinião ao lado, sem reflexão  
Provavelmente muito ditatoriais  
pois ninguém as acordou

Meu pai arranjou uma cisma comigo  
como se não me tivesse chateado a cabeça  
desde sempre  
O meu irmão segue o meu caminho  
Para não falar da minha mãe  
e da minha irmã  
Só tenho quem me chateie  
A estrada nem sempre é direita  
Por vezes tem curvas  
bastante apertadas

A maior parte procura ter um caminho certo  
na ficção do social  
o que os do social pouco sabem  
é que o caminho certo  
é o caminho errado  
Enfim, ainda há fascistas em Portugal  
Não é por acaso que o Chega! cresce...

Enquanto ele procura a aldeia para cumprir  
uma missão  
eu a procuro como ponto de observação  
e descompressão  
Mas já não, já não diz nada,  
sobretudo as pessoas  
e volto para Lisboa

onde tudo é menos dissimulado  
Mas igualmente incerto  
Por isso escolho o destino  
entre lá e cá  
e é no comboio, em viagem  
que me sinto realmente feliz  
Mesmo sem bens e dinheiro  
Sem o amor de uma mulher  
E, custa-me dizê-lo,  
sem o amor da minha mãe  
que o prefere a ele

Ainda assim  
procuro se americano  
tanto quanto posso  
Ciente da minha razão  
até ao fim de qualquer coisa  
pervasivo e não impositivo  
Num verso de Walt Whitman

"Deixem-no andar!"  
"Já sofreu que chegue"-  
-disse a marioneta mor  
O que vale é que a dor  
não é contagiosa  
Especialmente a da alma-gémia  
Ainda que se reflecta pelas palavras  
e pelos grunhidos abafados  
pelos lençóis

De modo que por fim  
decidi ver o lado luminoso da vida  
dando sentido e valor  
à merda

Não sou pessoa complicada  
apesar de ter feito a maior parte  
da minha carreira à revelia  
da opinião dos outros,  
quanto mais do meu pai.  
Corri riscos que só não são desnecessários  
porque são úteis e geniais.  
Enquanto uns fizeram alguma coisa  
com muito dinheiro  
Fiz eu muita coisa  
com pouco dinheiro

Seja como for  
um douto em Filosofia é pouco  
Prefiro a Douta Ignorância Popular  
Andar transviado e escondido  
com a razão na mão

No meio de um barranco de cegos

Mas...quem quer saber...  
"Cai neve em Nova Iorque",  
como diz a canção do José Cid  
"Faz sol no meu país  
Faz-me falta Lisboa"

Não eles que são burros,  
isso já nós sabemos.  
São elas, diacho,  
são elas...

Não é a solidão que me fustiga  
O que me aflige  
É o acordar de manhã cansado  
com falta de companhia  
e saber que esse cansaço  
é por estar sózinho  
E que tanto desejei acabei por ficar só  
entre lençóis, cigarros e álcool  
Uma certa revolta  
porque a sociedade onde vivo  
não tem memória  
a não ser ma conveniente  
dos conterrâneos e contemporâneos  
Uma mulher é bem pouco

Mas quem tem a culpa  
dos meus desatinos  
Não é nada mais uma certa gente  
em Alcamen  
Uma certa gente na FCSH, no ISCTE  
na Católica e, já agora, na Nova  
Onde interesses mesquinhos e brandinhos  
se confundem com a falta de nível intelectual  
Porque o hospital é a linha terminal  
Apenas sobrevives depois disso, com sorte  
Para te recompores tens de dar mil e uma voltas  
E mesmo assim, não é garantido que o consigas,  
Cumprir aquilo para que foste feito

E o que (te) acontece  
quando descobres  
que o amigo de longa data  
não sabe o que é a amizade?  
Concluis que é um tóino  
de todo o tamanho

Esses todos que andam aí,  
nos cafés, nas ruas mais ou menos movimentadas  
procuram vítimas para se sentirem superiores  
Grande parte deles são doentes mentais  
sem terem tomado medicamento algum  
o terem passado noite alguma num hospital psi

O problema, a solução  
é que não há problema nem solução  
Andaremos, de um lado ao outro,  
de viés  
Umaz vezes acertando, outras falhando  
Ambiciosos em um tempo  
Modestos no outro  
Mas nunca sentindo  
A explosão do Ser em potência  
Porque aí acabaríamos connosco  
Com o caminho  
E a vereda em que nos encontramos  
uns com os outros  
uns pelos outros.

Quando o país não te dá mulher  
emigra  
nem que seja para a aldeia mais próxima

O que mais me custa neste país  
é que sendo pobre, esquece facilmente  
desde que comecei a escrever a tese,  
já lá vão cinco anos,  
são raras as palavras de encorajamento  
e é preciso estar atento.  
Um país pesado, cheio de doentes mentais,  
tem tanta gente leve  
que leva a vida sem preocupação alguma...  
Até hoje, já vão mais de noventa livros  
e rara a noção de ter retorno  
Tive de fazer tudo sózinho  
Num país de cultura  
a cultura está nas lonas.  
Mas...talvez por ter sido deixado ao abandono  
terei escrito melhor obra que todos eles,  
os meus ex-professores e outros  
falsos intelectuais que se mostram  
sendo mais feios do que eu.

Pode-se bem dizer  
ajudou os outros  
mas ninguém agora o ajuda  
Sendo que há males bem piores  
e que ele se aguenta bem sem mulher

Mas, enfim, ainda respeito o meu pai  
ao ponto de compreender as suas razões  
confusões sexuais e falta de orientação  
tudo tolerável  
mas que ele não aceita  
e nenhum dos meus  
enfim,  
sou vítima dos meus próprios actos  
pensamentos e opções  
Há que ver o contexto.

Muitos intelectuais e escritores,  
artistas no fundo,  
no estertor e na vertigem  
da fama e do mundo  
acabam por ser vítimas do seu fulgor  
em seres conhecidos, famosos,  
e acabam por perder a saúde,  
talvez porque não saibam  
relativizar a sua obra  
e que Tempo é só, no instante,  
Tempo passando.

Sim, também eu queria  
dar uma alegria ao meu velhote  
antes de partir  
Mas não posso forçar e acho  
que um Deus encontrará  
uma forma de informá-lo  
que eu estou bem  
e fui bem sucedido  
Porque minha mãe  
sabe que eu levo balanço  
para acabar a corrida

Sim, acho que estou sendo chato  
e que, em certo sentido,  
penso que estou a mais.  
Mas pelo que acredito  
em Deus e nos homens,  
me é dado ficar mais um tempo  
Nem que seja para ajudar os outros,  
jovens e velhotes.

Sou daqueles  
que só vêm o fun do ao texto  
pelo fim,  
pode parecer chatice  
mas nunca fui um tipo  
de reação rápida  
gosto de analisar, de sorver, de servir  
por isso taredo na resposta  
Talvez essa característica faça de mim  
um escritor, filósofo, antropólogo, por essa forma  
esteja sendo feliz  
cada dia que passa  
embora sem a posse de um corpo  
de sexo oposto  
e sinto que o meu velhote me compreende  
e queira que eu suceda  
e sinto feliz no sono  
a minha velhota  
só pela razão  
de ter, em terreno agreste, tentado  
no meio das feras...

Espanta-me como  
No meio da turba  
E minha conturbada existência  
Ainda me consigo apaixonar

No fundo,  
sou um romântico,  
Como o Jorge Palma  
O Sérgio Godinho  
Na Católica, não perceberam  
No ISCTE também não  
Na NOVA não me viram  
E na Clássica não foram a tempo

E passo assim os meus dias  
O homem contemporâneo francês  
Entre o que fiz  
E o que tenho a fazer

## A CHUVA AUSENTE

Penso demasiado  
Inúmeras preocupações sem sentido  
Mas nisso sou grande  
E não um mero ser mecânico  
A chuva lá fora cai  
Mesmo que faça sol

Poesia com fome não é poesia  
Poesia com fartura também não o é  
Há um meio termo frutífero  
Que nos permite ir além  
Do sistema de ideias usado  
E sermos nós mesmos em liberdade  
Continuando, sem receio do fim  
Para uma finitude mais luminosa  
Que não seja apenas destino  
Mas desejo no ar  
Daquilo que somos  
Daquilo que seremos

O poema vem  
o poema vai  
a métrica é importante  
o sentimento também  
a um insulto não respondo  
como Cristo  
mas preparo uma resposta imediata  
para a próxima vez  
como o homem político  
mesmo não navegando em águas  
superficiais  
A poesia é aparentemente  
tão etérea como o ar  
que respiramos  
para trás ficou algo  
ou mesmo nada  
lá está está lá  
a tensão de cumprir  
no universo do social  
mesmo sem proveito económico  
ou outro, sentimental  
dependendo do seu aquilatamento

O vazio de não ter uma voz confidente  
Existe o vazio  
Não existe a pessoa  
Mas há muitas mais  
Outras relações, reconfiguradas  
Experimento  
no universo metódico do social  
E um pouco de Deus e Cristo  
como almofada pra dormir melhor

Ex-peri-mental  
Desenho no comboio recorrente  
uma luz líquida incinde sobre o meu olhar  
um ciclista prepara a corrida  
uma alemã abre uma lata de refrigerante  
duas chamam-me de maluco  
a porta vai a vapor  
regresso a um espaço onde estou desde já  
duplicado  
escapo a um confinamento  
corro entre jovens, pais e crianças no Parque

e como uma broa de mel  
acompanhada de um café  
e negocio um perfume com o cigano  
e regresso à calma das noites tempranas  
até chegar à cama

Ao ponto de não o escreveres  
e resolveres viver  
Porque nem tudo tem  
uma faceta ética  
Procuras concentrar-te para ler  
mas não tens paciência  
tens os poros cheios de vida  
e fumas cigarro atrás de cigarro  
porque gostas  
e bebes um pouco de vinho  
É o que acontece  
Vencerás não pela garganta  
mas pela palavra escrita  
Através do ruído do hoje

Com meia dúzia de palavras  
chegaste à iluminação  
mesmo que não estejas lá sempre  
disso te alimentas subrepticamente  
e perdes a obrigação  
de provar alguma coisa  
a alguém  
talvez mesmo ao próprio Deus  
E compreendes porque razão  
a Ele te entregaste bem miúdo  
E a razão porque O terás abandonado  
no miolo do caminho  
sendo que esteve Ele sempre presente  
Ou não estarias aqui,  
diante de uma Porta de Ferro Arcada  
que não ousas trespassar  
porque, de uma maneira,  
do lado de cá da vida  
tudo é um circo, um *ritornello*

Amparo-me cambaleando  
na sala fria, plena de livros  
preciso de um carro para arejar  
e tudo o que tenho é o vento do entardecer  
perto da gaiola dos pássaros  
Dói-me a cabeça  
quicá uma enxaqueca  
Ferve o nervo tenso  
e avanço em nome da literatura

sabendo que estarei debaixo dos lençóis  
projetando em três dimensões  
as relações sociais que me afetam

para trás e para a frente, de lado,  
se desenham os movimentos ínfimos  
os passos em volta  
de uma impaciência  
e do latejar da vontade  
à frente da mente há sempre o ir adiante  
o persistir, na força íntima da relação  
com o mundo, a realidade, mesmo esboroada  
recupera-se na memória e no treino da palavra  
e conceito do estar-aí, em protensão  
para as contingências da falibilidade

de encontro à noite persisto  
em encontrar qualquer coisa  
que não sei à frente  
recorro a todas as minhas forças  
e esse objetivo parece-me perdido para sempre  
e quando menos espero  
encontro de novo  
a vontade de continuar

manhã tormenta  
tarde afanada  
noite descansada

Se não tens respeito por ti próprio  
andas sempre a levar golpes  
e tens de estar simultaneamente  
no ataque e na defesa  
quando a realidade se esboroa  
és tu no tempo  
a desapareceres  
só o chilrear dos pássaros  
fica na tua memória  
e as vozes críticas dos outros  
que te atormentam

Tempo com tempo  
passa que passa  
e conforme grassa  
mais desalento convém

Os amigos, onde estão?  
Com dinheiro compram-se  
alguns são verdadeiros  
outros não  
alguns ficam  
outros vão  
Procuras compreender o porquê  
de ninguém te buscar  
vir ao teu encontro  
Por vezes estás farto  
por vezes resistes e persistes  
de modo que esperas pela hora da cama  
teu pai chega já velhote do trabalho  
e tu estás a ver TV  
prega dois puns, como é hábito  
como para se superiorizar ao filho  
o que vale é que não penso muito nisso  
porque sempre foi assim  
procuro não estar perto dele  
para não sentir a tensão  
e minha mãe diz-me para me retirar  
e eu venho fumar um cigarro  
e anseio por Lisboa, novamente,  
ainda que não seja grande coisa  
não me traga grande coisa  
como não tem trazido  
não vou fingir  
mas deixo-me estar  
até que o sol se vire  
de novo para o meu lado  
para o lugar onde estou

Quase cinquenta anos depois  
ainda estou aqui  
depois dos romances, novelas  
e todos os livros  
o silêncio ensurdecador dos habitantes  
corrói  
e temos de resistir, nunca desistir  
e até levar a coisa para a brincadeira  
ainda que os teus te apoiem apenas porque "sim"  
e sintas de novo a solidão  
esgravatas na tua cabeça uma solução  
e deixas andar para não cair de novo  
numa situação psiquiátrica  
o sol põe-se e eis o descontentamento  
à tua mercê.

Não, não me vai cair tudo em cima  
porque eu não vou deixar  
já tenho bem a minha conta

Afinal, venho sendo forte,  
não baixando quando paira a crítica  
nem entrando em euforia no elogio  
Memórias de França atormentam-me  
Mas como, em certo sentido,  
não tive eu a culpa,  
o tormento vai embora

Aprendi a dar valor ao meu país  
entre a França, a Espanha  
e uma possibilidade de ir aos EUA  
Aprendi a gostar do brasileiro  
e de gente simples  
boa bebida e boa comida  
Longe dos AVC's e da tensão do centro-norte  
da Europa e outras formas de vida  
ditas mais evoluídas  
E, afinal,  
não é tudo relativo?  
Numa canção de Roberto Carlos  
disse nessa noite  
"Obrigado, Senhor!"

O pensamento incómodo instala-se  
ainda pensando em Espanha  
O espírito não sossega  
mesmo na cama  
talvez porque antes da reforma  
muito haja ainda por fazer  
Neste canto do mundo

Um pai autoritário  
uma mãe que tem medo  
Um espaço confinado  
as pessoas que fugiram  
parece zona de guerra

Só se ouvem os pássaros  
de quando em vez  
apesar de estar um dia bonito  
isto não é um dia bonito  
porque me esqueceram

Faço a cama  
Uma vespa circula no ar, assobiando  
Daqui a nada regresso a outra divisão  
à casa principal  
onde vou comer o almoço  
Ninguém dá nada por mim  
No então não deixo de ser

o mesmo autor  
profundo e problemático  
não deixo de estar imerso no meu Ego  
e de a partir daí ver o mundo

Por vezes a tua mente  
deixa de abrir o teu corpo  
sai fora dele  
e confunde-se no espaço em redor  
para voltar a ele revigorada  
Não há elevador  
Apenas um cansaço no final da escada  
e a casa, como se fosse um túmulo  
onde não fumo  
para não ficar pior o ambiente

Longe está a amada que procuro  
no entanto espero, mais do que procuro  
Um amor antigo  
ou um novo  
entre as roupas acessíveis  
o cabelo comprido  
e a barba por fazer  
Até ao ponto em que o teu pensamento  
está todo atulhado  
e só queres paz  
a negatividade invade-te  
e ainda assim procuras  
dentro do teu pensamento  
uma solução  
para a tua falta de amigos  
mais do que propriamente  
a felicidade,  
que vais sentindo através dos dias  
pensando "não vai melhorar"  
e que, mesmo assim,  
não está assim tão mal.

Até que o estado melhora  
e preparo-me pra rumar a Lisboa  
A vida não é fácil  
praquem não tem rendimentos  
e é perfeccionista

Semanas depois  
apanho laranjkas  
aproveito a vida  
e quase desisto de tudo  
em que insisti  
em nome da minha saúde  
a quase espiritual

Apertado de novo pelo meu irmão e irmã,  
pela minha mãe  
conseguem ser mais pessistas que eu  
ainda que não ganhe dinheiro  
talvez por estar reformado

Ocorrem-me diversos pensamentos  
é óbvio que pretendo uma herança  
mas estou menos cego por isso que antes  
e procuro levar uma frequência média  
nas disposições de espírito

Mas não me queixo  
embora digam que não trabalhei  
mas fiz muito trabalho intelectual  
talvez menos pretensioso  
do que a vida prática  
do senso-comum  
que para mim não deixa rastro algum  
que permita o homem elevar-se,  
sublimar-se,  
ao ponto de desejar (mais) ter vivido  
é assim que vejo a questão

Dou, dou e dou  
e quem me dá a mim?  
Não sou nenhum Cristo  
Mas se o fosse  
fazia justiça a mi próprio  
como ele fez

Oxalá a culpa fosse minha  
eu resolveria facilmente o assunto  
e a minha mãe e irmãos  
escussavam de chatear  
Agora cai-me tudo em cima  
Que proveito poderei tirar disto?  
Que dura á dezenas de anos?  
Chamar à atenção certas pessoas  
ou pôr água na fervura  
aprendendo mais isso?

O povo não tem a culpa  
às tantas  
ninguém tem a culpa  
nem Deus  
às tantas nossas mentes  
andam todas à deriva  
no mar caótico da existência  
somos como planetas

que ora se chocam e desintegram  
ora explodem e se destróem uns aos outros  
recomeçando a génese da vida novamente  
na linha do tempo.

Pego n'*Os Poemas Canhotos*, de Herberto Helder  
segundo o mestre estarei perto  
do mesmo número de páginas  
na minha modesta contribuição  
A mãe ralhou logo comigo  
sobre a pensão, que a gastei mal  
cai-me tudo em cima  
e eu sem grande progressão naquilo  
que ando fazendo,  
mas continuam, porque sei que,  
lá no fundo,  
eles percebem e até estão satisfeitos,  
melhor, felizes  
pois eu fui o que ninguém quis ser  
sendo muito mais do que isso,  
do que eles, pelo menos alguns deles.

E achais vós que quem sofre  
precisa de psicólogo,  
não estando a fazer mal a ninguém?  
Quem precisa é quem rouba, que despreza o Outro,  
que faz tropelias em relação ao outro  
e, em pleno, não tem consciência do que faz  
aos Outros...

Por vezes apetecia-me virar as costas  
à sociedade, como fiz em jovem,  
como que a castigando com a falta  
do retorno que não me dá  
Mas logo sinto uma irreprimível  
vontade de lutar  
por amor ao mundo, aos seres,  
a mim mesmo,  
por mais injustiçado que vá sendo.

Todos andam stressados  
à procura de respostas  
passam metade da vida  
no afã de ganhar dinheiro  
correm atrás de tudo o que os excite  
numa admiração infinda pela América  
quando chegam ao fim já não podem voltar para trás  
nem arte nem religião querem  
porque é perda de tempo na sua corrida desbragada

no final, não podem voltar para trás e em consciência  
percebem que nada fizeram da vida  
não correram riscos  
como o da crítica  
do rasgo em arte  
da meditação  
de um Deus ou de uma religião  
de uma filosofia  
que abranda o tempo e o detém  
mesmo em ordem a um precipício.

Chegado aqui  
repouso o meu corpo na cama da aldeia  
trago o gatinho da rua pra me fazer companhia  
e fumo o último cigarro do dia  
ainda penso em ver o 13 de Maio na TV  
mas opto por fazer o mesmo que o gato  
que já está todo enroscado na cadeira.

Solidão.  
Nem namorada  
Nem trabalho  
quando o irmão aperta  
apesar dos seis internamento  
e da condição de reformado  
Diz para ir ao hospital  
e ao mesmo tempo  
pra arranjar trabalho  
enquanto o pai permanece incólume,  
inperturbável, ajudando-os  
enquanto eu sobrevivo pelos cantos  
das casas  
aturando o mau humor da mãe.

SE eu não tivesse tido tempo  
ainda que com pressão  
Se tivesse trabalhado por conta de outrem  
talvez não tivesse a obra que tenho  
dentro da antropologia, da filosofia, da literatura  
talvez não tivesse os quase ce livros  
a tese  
tanta coisa mais, liberdade,  
independência de espírito

Trabalhar? Depois de reformado  
Internar? Depois do que se tem passado,  
a tese e os livros(serão causa disso?)  
Terei de pensar mais?  
Não creio,  
não permitirei

Corre o afã de viver, de sobreviver  
enquanto a literatura fica ao desbarato  
nunca tive jeito pra ganhar dinheiro  
embora sim em certas ocasiões  
é agora que vou ganhar fortunas?

Na verdade, deveria ter reagido mais cedo,  
confiei demasiado nos médicos  
E embora não fosse tarde para acordar,  
aqui há uns dez anos para cá,  
sinto que poderia ter feito mais,  
mais cedo,  
sendo que ainda posso fazer bastantes coisas.  
Quando é atroz o sentimento de abandono  
e as pessoas não se apercebem disso,  
vão vivendo,  
vão morrendo.

Espero, não como rato,  
mas como homem  
"Então é assim que vocês  
tratam os alunos" ?  
É a interrogação que me ocupa  
o espírito cansado

Mas bom, o homem é assim  
quer vencer mesmo contra a maré  
eu sou assim  
os actores, como Maria João Abreu,  
são assim,  
querem sempre mais  
e na ânsia de viver acabam por ser vítimas  
das circunstâncias,  
ou não, ou tudo isto é o comando  
de um desígnio maior, viver enquanto é tempo  
e saber que partir tem sempre algum significado  
pois temo-nos uns aos outros.

Por isso e por outras razões  
a máquina não pára  
o Devir do mundo  
e nós somos apenas peças  
de uma grande engrenagem  
que, quando compreendida,  
pode gerar efeitos perversos  
pelo que prefiro  
a nuvem do Não-Saber

Ainda a solidão  
o vagar do nada fazer  
a pretensa facilidade e felicidade  
de estar vivendo

E assim estávamos nessa terra, ne ser,  
onde tudo foi morrendo  
Esperando apenas a cama  
único lugar  
onde tínhamos o espírito sossegado  
onde se acreditava  
no dia seguinte

Candei-me de fazer tudo sózinho  
desde os trabalhos de grupo da faculdade  
O meu pai não tem a obrigação de me ajudar  
Mas o estudo, nos termos da filosofia e antropologia  
e isso não aconteceu,  
por isso vou escrevendo poemas  
para não me chatear

Passo no café e antes na mercearia do Sr. Justo  
a Joana tira-me o café  
o pequenito dela faz os trabalhos  
O Caetano vai para casa  
não entro no Café Café  
por desaquizado com Crisbela e Irma  
e concluo para mim mesmo  
todos temos de fazer opções  
e a reiteração de um discurso costumeiro,  
do reino do senso-comum  
conduz desde já à sanidade de espírito  
e a longo prazo à sobrevivência do grupo

Assacar ao sujeito o seu mal estar  
pareceu-me redutor  
e que serviriam mais medicamentos  
mais um internamento  
se eu mesmo vejo que a situação  
é psicossocial  
e tem que ver com a pandemia?  
De modo que é uma luta diária  
pelo não esquecimento  
que não é vitória  
e quem gosta de perder?

E cai-me tudo em cima  
de repente sou o patinho feio da família  
logo eu, o que menos ajuda teve  
e o que chegou mais longe,  
trabalhando ou não  
a petulante da irmã, sempre mal-disposta,  
cai logo no insulto,  
pensando que eu queria dar a volta à pequena, e a mãe exalta-se logo  
como se não pudesse dar opinião  
como se tivesse de ser um brinquedo nas mãos dela

só por dela receber dinheiro  
enquanto o irmão está longe da vista  
e talvez longe do coração  
quando o pai de família é um ditador  
corta os pés ao filho  
e ainda quer que ele lhe dê continuidade.

No fundo, apenas estou garantindo  
a minha sobrevivência  
depois de ter estado perto da morte  
por várias vezes  
Com tudo o que se tem passado  
caberia a um advogado defender-me  
de muita coisa feita contra mim  
mas vou andando ao vento, solitário,  
defendendo-me dos golpes,  
de um lado e de outro.

Certos pais proíbem certas coisas  
aos miúdos  
mesmo sabendo que eles as farão,  
mais tarde ou mais cedo.  
Estão bem um para o outro  
eles quer tomar conta de tudo  
ela tem prazer em espezinhar homens  
tudo a pretexto de um pai que não fala  
que nunca se interessou  
E depois eu é que sou  
parecido com ele  
deixa-me rir  
ah ha ah  
É esta a família que tenho  
dependendo tudo, afinal,  
do ponto de vista.  
Isto passa.  
Mesmo que não tenha com quem falar.

Mas eu, a bom tempo aguento  
agentei seis internamentos  
e não faço tensões de lá voltar  
talvez apenas uma consulta  
para regular os níveis de inteligibilidade  
mas os vizinhos nada dizem,  
em Riachos com em Lisboa  
parece que somos uma família isolada  
que, aflitos, todos puxam para baixo.

Ou talvez não, talvez  
estas minhas palavras sejam uma ficção  
que nada tem que ver com a realidade

e eu esteja redondamente enganado  
Talvez esteja em fim de época  
e tenha de encarar isso,  
esse uso do tempo que me foi atribuído,  
de uma maneira, mais sábia.

Pelos vistos, o meu pai  
queria que fosse um grande autor  
e ao mesmo tempo milionário  
Mas neste país isso não é possível  
de todo  
Já ser bom autor já não é mau  
poder continuar no tempo  
com mais ou menos dificuldades  
Por vezes sinto felicidade  
apesar de não ter  
de ter os meus problemas  
A poesia e a pintura ajudam  
Depois de mais uma discussão  
com a irmã  
É o costume  
por me emprestar dinheiro  
quer mandar em mim  
E o meu irmão na mesma  
Enquanto o pai está alheio  
das coisas que não são dele  
E absorto nas coisas  
que são dele  
Um pai ausente, dir-se-ia  
Um homem que fala pouco  
pelo menos comigo

O tempo passa  
mais um insulto da minha mãe  
Vou ao café Garden  
e encontro as caras de bacalhau  
de Brígida  
sempre antipática comigo  
Vou deixando de fazer as coisas  
só para chamar a atenção dos outros  
E começo fazendo-as por mim mesmo  
para minha satisfação

Todos os problemas são afinal problemas  
nas relações entre as pessoas  
O facto de estar só  
apenas reflete o que é esta sociedade  
muito mais do que o meu sujeito atormentado  
Aqueles que não têm queriam ter o que eu tenho

e eu não tenho o que a maior parte dele têm  
Será que se podiam ter as duas coisas  
as relações entre as pessoas degradam-se  
entre a América e a Espanha, a França  
e eu se calhar estou a pagar por ter feito a tese  
as pessoas são imediatas, não sofrem por ideias e ideais  
Enquanto eu continuo a escrever  
mais ou menos inspirado  
esquecido e maltratado  
Não esperas que algumas pessoas te façam justiça  
quando dizem mal de ti nas costas  
e de frente nem boa tarde te dizem  
os tempos estão assim  
muitos não te encaram  
porque a alternativa a passar por ti  
é o buraco onde se poderiam meter  
de tal calibre é a sua (pouca) vergonha  
Eis, enfim, pessoas que desprezam pessoas  
para conseguir, mais acima, pessoas  
Eis o que se faça entre as pessoas  
Todos procuram subir a árvore  
e chgando ao topo caiem  
enquanto muito estão amarrados às razízes  
outros ao tronco,  
não percebendo o que está além da clareira.  
Enquanto isto, falo com QuimZé  
e recordo alguns momentos da nossa infância  
e Brígida não me cai da cabeça  
acho que só ficaria satisfeito  
se curtisse com ela durante quinze dias  
todo o santo dia  
pra ela aprender o que é bom  
O que é certo  
é que a grande maioria das pessoas  
trabalham para ganhar sustento  
e não chega a sabeoreia a vida devida  
Enquanto aquele que nada faz  
tira conclusões tôlas sobre o mundo  
só pra achar que está correto  
o trolha nunca escreveu um livro  
e o intelectual nunca sobrepôs o tijolo  
ou encheu placa  
todos se acham com alguma razão  
quando a razão não é do nenhum  
é de todos e mais alguma coisa.  
Depois, deixamos tanto de pensar em poesia  
e sentimos compreensão  
pelos instintos de sobrevivência  
da maior parte das pessoas.  
Nem Sinatra diria melhor,  
a não ser o Caçoulo,  
que se matou na Estação dos Comboios

Ainda assim, mvejo com bons olhos  
o meu destino  
uns dizem que não faço nada  
os familiares são os mais duros  
mas ainda assim me ajudam  
vou procurando emprego  
sem me sujeitar a fazer grandes imediatices  
como nas limpezas  
ou no acaltroamento das vias  
e vou assim andando  
entre Riachos e Lisboa  
a maior parte do tempo sofrendo calado  
mas andando  
e procurando sempre novos sítios  
onde me sintam bem  
onde possa conhecer alguém.

A felicidade, pois, não cai do céu  
nem irrompe a partir do chão  
É uma contrução  
muitas vezes cheia de espinhos e dores  
mas que no fim persiste como um estado  
durante alguns dias, meses, anos  
e que perpassa o tempo  
pois nossa estada é breve nesta vida  
e acaba por se ir embora como veio  
sibilina e insidiosa, no bom termo.  
O que é mais curioso é que  
assim como vieste  
assim irás  
com muito ou pouco alarido  
e tanto pode ser esquecido  
como lembrado durante muito tempo  
e isso não é moral nem analítico  
é a simples lei da vida,  
uma escolha que fazes com o teu sangue  
em ser elebrado ou esquecido  
para sempre.  
A cada momento decides  
se ficas pelo caminho  
se queres continuar  
é isso que eu faço  
como toda a gente  
e a certo ponto  
desistes de sofrer  
e esforças-te pela alegria  
interessas-te mais pelos outros  
do que por ti mesmo  
embora vás aperfeiçoando  
a tua personalidade.

Eu aqui, na minha sala de trabalho,  
depois de dois desenhos no atelier,  
num fim de tarde, entre nódoas de café  
e a manta de uma aranha na entrada  
os dias passam, tudo se passa  
rituais de passagem  
rituais de permanência  
onde está a minha tribo  
se construo a felicidade sózinho  
por isso me chamam louco  
conspiram contra mim  
mas eu continuo um curioso da vida  
e dos fenómenos mais ou menos metafísicos,  
"aqueles que vão além da física",  
diria Victor, o australopitecus,  
como lhe chamávamos na escola  
enquanto eu era coelho, bebé, usina,  
fusina liosina, tantos nomes  
até chegar aqui, a esta tarde  
com os meus velhotes.  
A este ponto chegámos  
a partir deste ponto  
continuaremos.  
Há gente que não deve funcionar bem  
então depois de seis internamentos  
por aquilo que sofri em jovem  
achama que teria bom ânimo para o trabalho?  
E mesmo assim tenho procurado  
quantas vezes o meu pai me mande fora de casa  
quantas vezes voltarei  
porque eu quero é paz e descanso  
para desenvolver a minha actividade  
na qual julgo ser original e único  
portanto, não atiro a toalha ao chão  
o trabalho para mim não é problema  
problema é estar reformado antes do tempo.

Há dez anos sem namorada  
deves, portanto,  
imaginar  
como me sinto  
relações ocasionais ainda as queria  
para disfarçar o sofrimento,  
mas nem isso tenho  
e se tivesse  
acho que no fim sofriria ainda mais  
assim sofro muito mais  
andando a apalpar às cegas  
mas vejo, e isso que vejo, é como se fosse cego.  
Por isso é que cada vez mais tenho saudades

de Lisboa  
ainda que esta me maltrate com sua indiferença  
de ninfa do Tejo  
Por isto tudo voltei à poesia.

Fazes a merda  
e depois vens ter comigo  
como se fosse um padre  
e tu uma Madalena arrependida  
Aguenta que eu também aguento  
e já passei bem pior do que isto.

E são estes os dias,  
com a pequenita minha sobrinha  
jogando à bola e vendo TV  
com a avó  
e até a mãe apareceu  
dissapada a discussão do dia anterior  
em que a mãe se atirou a mim  
quando dizia mal do cunhado.

Nisto tudo  
haverá diferença  
entre pensamento e acção?  
Há quem diga que não  
E venci a doença uma vez mais,  
não sei por quanto tempo...

Muitos julgam que estou acabado  
mas eu ainda tenho sonhos  
e toda essa coisa  
estou aqui vivinho da silva  
e riço como um pero  
com cada vez mais vontade  
de viver

Satura tanto tempo saturado  
esgotado, obrigado a ser positivo  
quando por um lado  
tenho tido inspiração,  
após cada discussão e confusão,  
por outro lado não sei,  
não sei se consigo trabalhar mais  
talvez nunca mais  
ou talvez tenha sido trabalho  
o que tenho feito desde me reformei...  
Estamos finalmente na era da ética  
todos têm alguma coisa  
a apontar ao próximo  
mesmo que não tenham razão alguma.  
Noutros tempos não era assim

a democracia e a liberdade  
transformaram-se em libertinagem  
muito por culpa dos intelectuais  
que não têm vocação para perceber  
certas coisas do social.

O meu destino está traçado  
entre Riachos e Lisboa  
ligados por um comboio  
Ou para sempre na aldeia,  
a aldeia do meu pai.

Lá entrei de novo no café Garden  
aparentemente tudo bem  
acabo por falar com Ana Giestas  
coisa que não fazia há tempos  
um aldeão atroxima-se a falar com ela  
eu ausento-me e na saída  
um tipo que estava com uma criança  
e sua mulher, suponho,  
grunhe uma coisa qualquer  
eu sigo e não respondo  
mas fico a pensar "O gajo insultou-me"  
e isso não me sai da cabeça  
o facto de eu não responder imediatamente  
a pessoas que me insultam  
fico a moer tudo isso no caminho  
enquanto passo pelo Mestre André

O conselho de Ana Giestas foi de encontrar  
uma nova aldeia  
E companhia?  
E dinheiro para a renda?  
Podia ser Cerdeira ou outra,  
na Beira Baixa ou Alta  
A ideia fica,  
enquanto desejo de novo estar  
em Lisboa.

Vou deitar-me e meio do  
escrevo ao desbarato  
nessa linha que chamo criação  
outros vivem a vida despreocupadamente  
como se vivessem para sempre  
A pequenita joga à bola lá fora  
enquanto em na Casinha, como eu cão,  
procuro fazer sentido na casota  
Longe já deve estar o meu amigo Victor  
e eu aqui ainda na sarabanda das culpas  
das dores e doenças mentais  
tentando levar a vida para a frente  
quando não tenho condições para tal

procurando sentir-me feliz no trabalho  
e ardor dos dias  
conheço a minha mente  
e brinco com ela  
ela dando as voltas a si mesmas  
e eu, no fundo,  
resistindo por levar  
uma vida saudável.  
O meu espírito pulula  
por zonas absolutamente desconfortáveis  
e volta passado uns instantes a si mesmo  
ficando a reminiscência do incómodo  
gretando no espírito como uma floresta  
plantada na mente que deixou de ser minha  
Não sou então dono da minha mente  
apenas me sirvo dela  
para conduzir o meu corpo  
os prados melhores melhorados  
onde possa sentir alguma admiração  
pela natureza do viver.  
Entre a percepção lenta e a progressão  
do espírito  
há uma dor e um vagar, uma suspensão,  
como se o próprio pensamento  
não existisse  
ou, pelo menos, se escondesse atrás da consciência  
e quando o espírito está em pleno  
é quando o corpo está em descanso  
pelo que a articulação deste com o espírito  
aparece desajeitada.  
De modo que o meu espírito  
anda entre a eminência do hospital,  
a clausura psiquiátrica,  
e o trabalho, que me escapa há anos,  
sendo que sou um dependente independente.  
E dá-se o esvaziano do meu lugar de actor social  
entre Riachos e Lisboa  
as mulheres não se aproximam  
embora esteja, cá e lá,  
grande parte do tempo em casa.  
Deixo o tempo ser meu conselheiro  
ao mesmo tempo que o domino  
e ainda que desapontado,  
continuo a jornada  
em busca de um amor que não seja apenas próprio  
numa Demanda Infinita.

Quanto à tese, meus amigos  
espero um sinal de benevolência da faculdade  
se tivesse dinheiro poria à consideração  
mas não tenho  
e mesmo que tivesse

nada me garantiria que ela fosse aprovada.  
Por isso, vou esquecendo esse assunto,  
embora seja difícil,  
porque não gosto de deixar as coisas a meio  
mas o assunto desgasta-me  
quando ei que eles pouco se importam.

Já em pequeno era vítima de bullying  
e agora, depois da filosofia,  
as coisa tomaram um significado diferente,  
na rua ou no comboio,  
por ser diferente dos outros e  
não ser óbvio, emocional ou estúpido.  
Normalmente, nessas cenas não reajo  
fico atónito  
mas em algumas já reagi  
a quem me chama maluco  
ou outras coisas mais.  
E nisto tudo apenas tenho a família  
pois tenho sentido grande solidão.

E vou aguentando, dia após dia,  
pensando que o dia seguinte  
será melhor do que o anterior.  
Mas não é,  
isto vai durar para sempre.